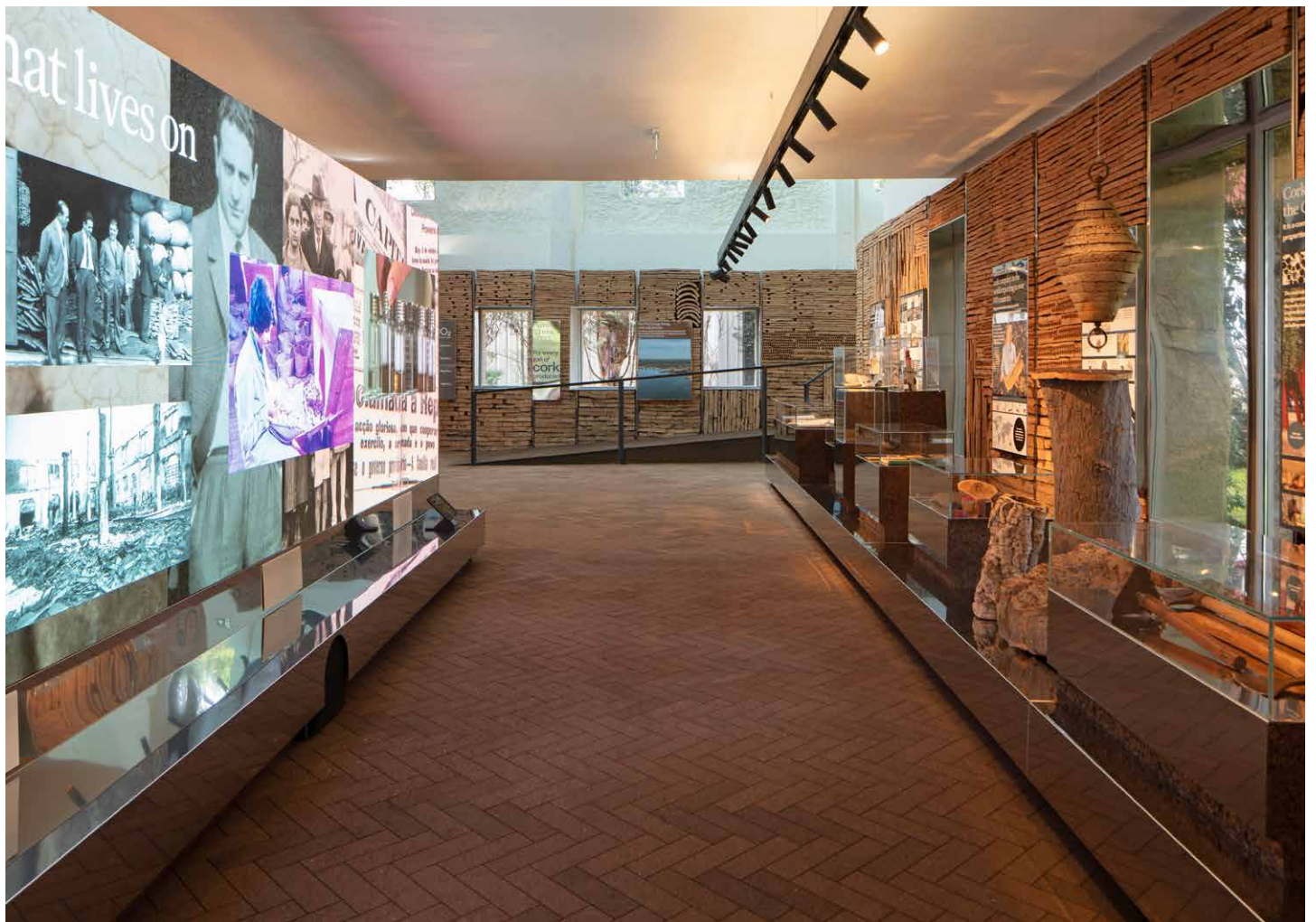


AMORIM NEWS

ANO 40 / NÚMERO 3

Heritage House: Legado e Futuro da Cortiça

Olhar para o passado, fazer futuro. Um não existe sem o outro, e na Heritage House estes dois tempos aproximam-se, num encontro irrepetível com o esplendor da cortiça e a história da Corticeira Amorim. Um museu vivo que é memória e arquivo, mas também criação e experimentação. Uma experiência imersiva, desenhada para partir à descoberta de uma matéria-prima única, da sua história, do seu presente, e do seu porvir. Se a cortiça é natureza e inovação, beleza e sustentabilidade, aqui revela-se praticamente infinita na sua capacidade de surpreender, e trazer novas respostas aos desafios do mundo. As portas desta casa estão abertas. Entramos?



-
- 3** Opinião
Nuno Barroca
- 4** Heritage House: Legado e futuro da cortiça
- 11** François Audouze: Guardador de Memórias
- 14** Navicork: Navegar com a cortiça, rumo a um futuro marítimo sustentável
- 15** Wicanders Wise, um portefólio 100% livre de PVC
- 16** Conhecimento, responsabilidade e sustentabilidade: expandir, partilhar e contagiar
Cristina Rios de Amorim
- 18** “Spirit of Place”: Simone Brewster revela o esplendor da cortiça no London Design Festival
- 21** “GENERATION PROXIMA”: Cortiça no Centro da Arquitetura Emergente Portuguesa em Nova Iorque
- 23** Cortiça em destaque na exposição “Not Post-Modernism. Dan Graham e a Arquitetura do século XX” em Serralves
- 25** ASICS Run de Tóquio com pavimento Amorim Wise
- 26** Cortiça triunfa nos Golden Vines® Awards
- 27** Em memória
Joaquim Amorim



Heritage House: A maior herança é o futuro

Uma história de 150 anos não se apaga. Ela renova-se, e projeta-se no futuro. Foi esse cunho que quisemos dar à renovada Heritage House, fazendo deste espaço um lugar de encontro entre a tradição e a contemporaneidade. Para isso, fomos às origens, de olhos postos no futuro. Mergulhámos no arquivo da família, na história da Corticeira Amorim, na materialidade da cortiça e abrimos os olhos para o que está à nossa volta, neste lugar cheio de memórias. Chamámos profissionais de excelência, com provas dadas nos campos da arquitetura e do design, para que nos ajudassem a dar forma a este espaço, concebido para celebrar a cortiça e, com humildade, a sua ligação profunda à família Amorim. A colaboração com o ColetivoMEL de Hugo Dourado e a Por Vocação de Pedro Caride, que com as suas equipas trabalharam lado a lado com as nossas equipas para desenvolver o projeto, foi preciosa e até notável. Depois de quase três anos de projeto, desde os primeiros esboços, que já continham toda a inspiração e impulso que caracterizam o espaço, à concretização final, o resultado emociona, porque de facto cumpre a sua missão de elevar a cortiça, fazendo jus à história do Grupo. Uma matéria-prima única, distintamente portuguesa e sustentável, e que, também graças à Corticeira Amorim, ganhou asas e ganhou mundo. Numa dimensão muito própria, a Heritage House transcende os limites de um museu ou showroom convencional, constituindo o testemunho de um legado profundamente enraizado, atravessando quatro gerações da família Amorim, sempre pela valorização da cortiça enquanto património natural e cultural. Mais do que um museu, é uma viagem, uma história multifacetada que se desenrola ao ritmo e ao sabor do olhar

de quem o visita. Ao combinar história, cultura e educação, a Heritage House leva os visitantes numa viagem pela evolução da transformação da cortiça, cruzando-a com o contributo da família Amorim, para realçar a importância do material, o seu passado e o seu futuro, desdobrando-se numa multiplicidade de aplicações e revelando a sua ligação intrínseca à sustentabilidade.

Esta é, assim, uma experiência imersiva, que se torna ainda mais envolvente pela presença da cortiça em todo o espaço, do pavimento às paredes, sempre em harmonia com o exterior e sempre enfatizando as características únicas e excecionais da matéria. Alicerçada na tradição e no saber-fazer, a Heritage House é também um espaço de inovação, no qual se dão a conhecer algumas das aplicações mais inesperadas e transformadoras da cortiça, e no qual experienciamos diretamente as valências de um material que, preservando a sua autenticidade e mantendo-se fiel à sua natureza, é sempre capaz de nos surpreender, de ir mais longe. Se esta é uma casa para celebrar a relevância da cortiça, ontem como hoje, o objetivo é que o seu legado perdure no tempo, e se estenda no espaço, sempre pela valorização deste recurso único, ampliando o conhecimento e preservando a história. Sempre na plena consciência de que a maior herança é o futuro.

ANO 40
NÚMERO 3
DEZEMBRO 2023

Sede
Rua Comendador Américo
Ferreira Amorim, nº 380
4535-186 Mozelos VFR
Portugal

Propriedade
Corticeira Amorim

Coordenação
Carlos Bessa

Redação
Editorialista
Inês Pimenta

Opinião
Nuno Barroca

Edição
Corticeira Amorim

Projeto gráfico
Studio Eduardo Aires
Studio Dobra (paginação)

Tradução Inglês
Sombra Chinesa

**Tradução Alemão,
Espanhol, Francês**
Expressão

Impressão e Acabamento
Lidergraf –
Artes Gráficas, S.A.

Distribuição
Iberomail Correio
Internacional, Lda
CTT – Correios de Portugal, SA

Embaladora
Porenvel Distribuição,
Comércio e Serviços, S.A.

Periodicidade
Trimestral

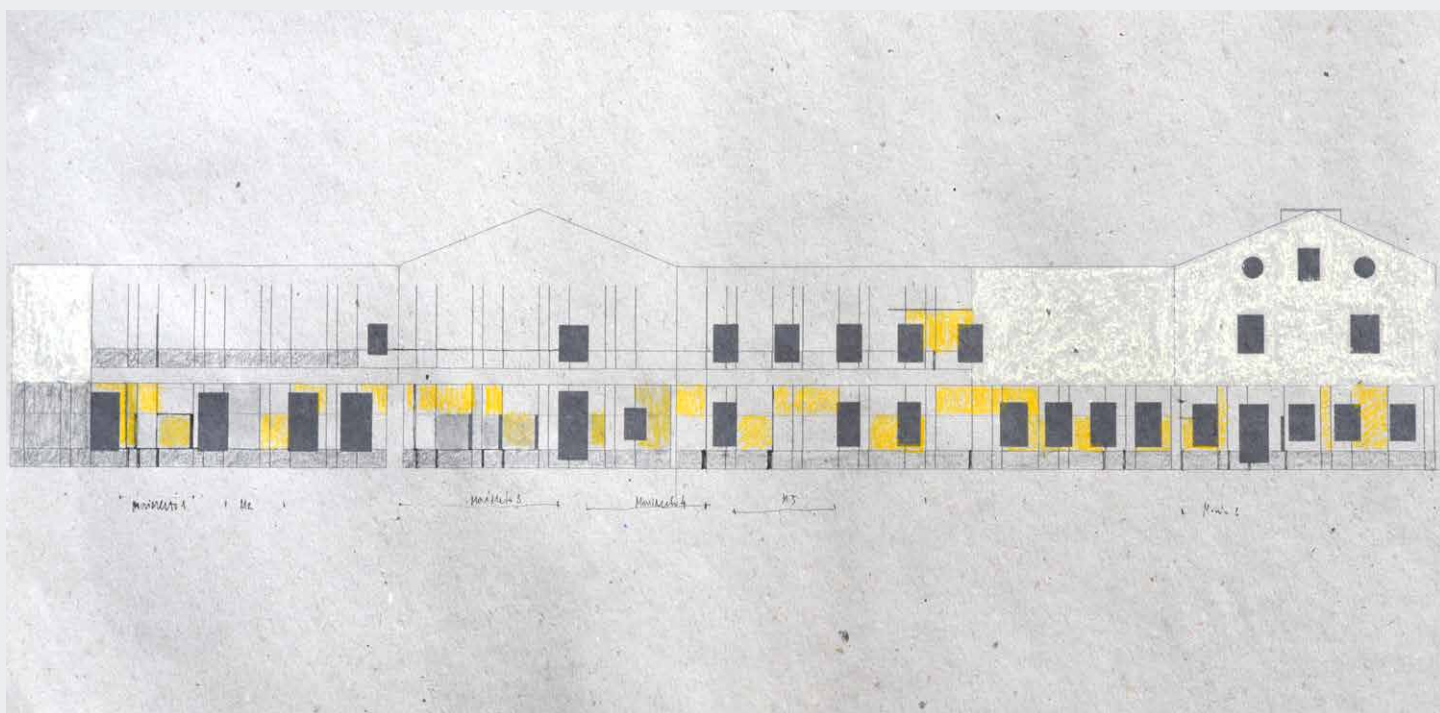
Tiragem
18.725 exemplares

Depósito Legal
386409/15



A Corticeira Amorim, S. G. P. S., S.A. compromete-se a proteger e a respeitar a sua privacidade. Poderá deixar de receber a Amorim News em qualquer altura. Para o efeito, envie-nos um email para press@amorim.com. Para mais informações sobre as nossas práticas de privacidade, bem como sobre o exercício dos seus direitos relativos aos seus dados pessoais, consulte a nossa Política de Privacidade, disponível em www.amorim.com

Heritage House: Um Museu Novo Para Celebrar o Legado e Futuro da Cortiça



Entrelaçando a história da família Amorim com a da cortiça, a Heritage House é o testemunho de um legado precioso que importa manter vivo. Um mergulho no universo Amorim, que é também um convite ao conhecimento e à valorização da cortiça enquanto recurso natural e cultural único, numa experiência imersiva e autêntica.

Todas as fotografias deste artigo são da autoria de © José Campos

“Foi aqui que tudo começou”, é fácil pensar, ao atravessar o portão do jardim da Casa do Fundador. Nota-se o cuidado com o edifício, que mantém a sua elegância e, apesar da longevidade, permanece bem conservado, como se ainda fosse habitado. E na verdade ainda é. Como que preâmbulos de reuniões de trabalho onde nascem ideias transformadoras, os almoços na Casa do Fundador são também momentos repletos de histórias e tradição, nesta que foi a casa e o ponto de partida de uma geração ousada.

Esta ligação às origens reflete-se no espaço, que é um misto de herança e inovação, olhando para o futuro da cortiça. Essa originalidade transpira para o edifício no limite do jardim, um antigo armazém no qual se penetra através de uma entrada subtil, quase silenciosa, que não deixa adivinhar o que nos espera passada a porta.

Mas ao entrar no antigo anexo – o edifício, de perfil rural, funcionou como palheiro, armazém, e unidade de fabrico – instantaneamente somos bafejados pelo característico cheiro da cortiça e impactados pela beleza e humilde grandeza de um espaço completamente reconfigurado para acolher objetos, revisitar tempos e lugares, receber pessoas, e, sobretudo, contar uma história.

Que história é essa? A da família Amorim, desde logo, mas também, inseparável desta, a história de um recurso natural único, a cortiça, que importa conhecer, valorizar e preservar; a história da cultura que o suporta e da indústria que o leva mais longe, expandindo todas as suas incríveis possibilidades; a história e o futuro de uma floresta única, sinónimo de sustentabilidade.





Viagem ao mundo da cortiça

Coube a Nuno Barroca, Vice-presidente da Corticeira Amorim, revisar o projeto de renovação da Heritage House, o museu que abriu de novo as portas, depois de quase um ano de conceção e dois anos de intervenção. Para este projeto, Nuno Barroca uniu forças com os designers Pedro Caride (Por Vocação) e Mariana Serra, e os arquitetos Hugo Dourado e Ana Batista (colectivoMEL), que infundiram o projeto com criatividade e inovação aportando talento e paixão para o projeto, na interpretação do desafio proposto, trabalhando lado a lado com a empresa. O resultado é um espaço que, mantendo a sua forte identidade e revelando as preciosas camadas de história de que é feito, se apresenta inteiramente novo, conduzindo-nos numa viagem apelativa e emotiva ao mundo da cortiça e à sua relação com as várias gerações da família Amorim.

Um museu vivo

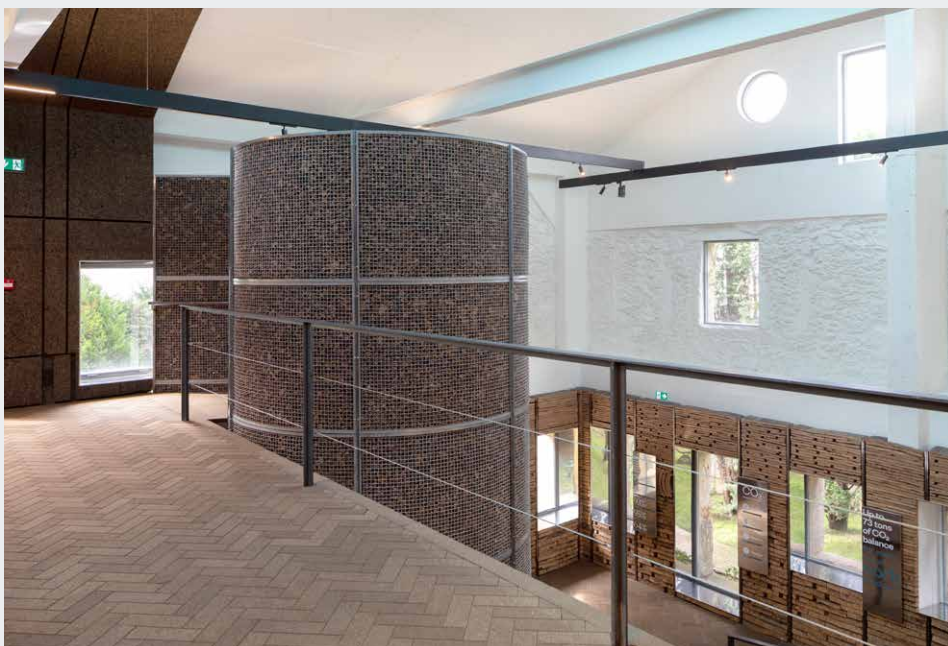
No princípio, uma casa. A do fundador, que em 1870, com uma pequena fábrica de rolhas, dava início a uma grande aventura. A casa de família deixou de ser usada nos anos 1980 e já nessa altura Américo Amorim pensou que daria um bom “salão de visitas” para o grupo, então em fase de plena internacionalização. Falou com Eduardo Correia, responsável de comunicação do grupo à data, para pôr o projeto em andamento. Queria fazer um museu no armazém atrás da propriedade, e assim foi: o espaço foi inaugurado nos anos 1990. “Foi assim que começou. E na altura comecei também a ajudar” recorda Nuno Barroca. “Obviamente que o propósito, o momento, a forma, foi o que foi, foi uma época. Decidimos, passados estes anos, pegar naquilo de outra forma.” “Eu acho que Américo Amorim quis dar três cunhos àquele museu” explica Nuno Barroca “um cunho de família, um cunho de origem e um cunho de longevidade. Se há área em que nos distinguimos são

esses valores de família.” Referindo-se ao novo museu, continua: “Uma história de 150 anos não se apaga, enaltece-se. E foi isso que esteve na base da conceção e reutilização daquele espaço. E com muito sucesso: aquele espaço é hoje o nosso cartão de visita. Das pessoas que vêm (à Corticeira Amorim) a norte, não há ninguém que não passe ali.”

Olhar para o passado, fazer futuro

“Era muito importante ver a tradição, contarmos um bocadinho a história, mas trazeremos também a inovação para dentro daquele espaço,” explica Nuno Barroca. “Um espaço em que se respirasse cortiça, E conseguir, obviamente, um espaço muito agradável. Tentei que mantivéssemos aquele espaço na sua originalidade, em respeito e harmonia com a Natureza, com todas aquelas janelas sempre em diálogo com o exterior. E penso que o arquiteto e o designer interpretaram isto muito bem” conclui. A equipa de projetistas explica como se deu a transformação. O desafio era enorme: pegar num “espaço abafado, cheio de tetos falsos, pladurs, janelas que escondidas e tapadas, coisas que se percecionavam desde fora e não de dentro” e esvaziá-lo, para o revelar em todo o seu esplendor. “O que fizemos foi ir ao osso, e deixar que o espaço contasse a sua história” resume Pedro Caride. Para isso, optaram pelo “gesto simples de rasgar” e deixar a luz entrar e o espaço respirar, numa espécie de “arqueologia espacial” capaz de iluminar a história do lugar e, ao mesmo tempo, trazê-lo para o presente. “Para um edifício que na sua origem era muito humilde e despretensioso, conseguimos trazer uma nobreza espacial – aquele pé direito, aquelas janelas, aqueles vãos, aquelas aberturas, a luz que entra, a claraboias, trazem uma nobreza – quase parece que entramos numa igreja, devido às janelas lá em cima.” explica Pedro Caride.

«Para um edifício que, na sua origem, era muito humilde e despretensioso, conseguimos trazer uma nobreza espacial»



Espaço e matéria

Num mundo onde os materiais se fundem e transformam, a cortiça destaca-se como um elemento omnipresente. O projeto não apenas realça, mas celebra as qualidades sensoriais da cortiça, desde o aroma terroso e reconfortante até à sua acústica absorvente, abrangendo a rica diversidade de texturas, cores vivas e aconchegantes características térmicas. Na Heritage House, a cortiça está literalmente por todo o lado, em estado puro ou de maneira mais sofisticada. Mesmo para quem acha que já sabe tudo sobre cortiça, ou pensa que já viu tudo o que pode ser feito com cortiça, haverá sempre algum elemento de surpresa, de espanto e deslumbramento, pela forma extremamente criativa com que a equipa de projetistas abordou o material. A ideia, explicam Pedro Caride e Hugo Dourado, era que arquitetura e design de interiores trabalhassem em conjunto para criar um espaço que fosse a “cara da

Amorim”. E para isso a estratégia passou por combinar dois materiais identitários, neste caso a cortiça e o metal: “Poucos clientes no mundo podem ter esta linguagem como própria, e deles. A cortiça, porque são os líderes mundiais, a empresa no mundo que mais percebe de cortiça. E depois, a questão do metal porque é uma história industrial de 150 anos e o metal está ligado à indústria desde o início e continua até agora, desde as paletes, aos transportes, as máquinas, as serras, toda a maquinaria. Uma imagem que para nós era icónica do início do projeto era esta relação entre a cortiça e o metal – nasce no machado, quando o machado entra na cortiça. A partir dali esta união do metal e da cortiça vai até ao final do processo.” Como destaca Nuno Barroca, um dos elementos mais relevantes do projeto é a incorporação de tecnologia na construção do espaço, através da Grōwancork – um projeto que nasceu na Amorim Cork Ventures – que desenvolveu os painéis onde estão

os traços, os expositores e todos os elementos que estruturam o projeto. Deambulando por um espaço onde a cortiça reina de forma contínua, o olhar detém-se em alguns pontos focais que sobressaem do conjunto, como a escada que permite aceder ao piso superior (um mezanino todo revestido com cortiça expandida, que funciona como sala polivalente) uma espécie de “silo” de cortiça, onde uma grelha metálica é totalmente forrada com desperdícios de cortiça, a matéria no estado mais próximo da natureza, e granulada, na parte interior. Ou ainda o pavimento, especialmente desenvolvido para o projeto, e que consiste numa série de “tacos” de cortiça, colocados em espinha, inspirados nos tacos de madeira para criar um efeito visual de grande beleza, acompanhado pela sensação única de caminhar sobre cortiça.





Da família à floresta: uma história de cortiça

“Foi muito importante o registo histórico. Queríamos passar pelas quatro gerações, e por isso o primeiro momento foi a história” explica Nuno Barroca, referindo-se à forma como o conteúdo da exposição foi reorganizado. Esse é o ponto de partida natural, o início de um percurso expositivo com um fio narrativo muito claro e intuitivo, que o visitante pode explorar à sua maneira e desenrolar ao seu ritmo. Para além dos conteúdos estáticos, colocados ao longo dos painéis que guiam o visitante nesta viagem, uma parede LED, colocada no centro do espaço, apresenta narrativas complementares, que se entrecruzam com o “pano de fundo” e permitem criar uma experiência ainda mais personalizada, à medida de quem visita a Heritage House. O conteúdo da atual exposição provém da coleção e dos arquivos da Corticeira Amorim. Um intenso trabalho de pesquisa e curadoria foi desenvolvido pelos projetistas, em colaboração com Mariana Serra. Cerca de 60% dos objetos que se encontravam no museu original foram mantidos, mas foram também trazidos materiais e objetos que não estavam

expostos anteriormente e que a equipa encontrou mergulhando no espólio Amorim. Entre estes, encontram-se fotografias, revistas, livros de atas, uma garlopa e outra maquinaria tradicional de fabrico de rolhas, mas também objetos tão simples como um recipiente da cantina da fábrica e, adentrando-nos na floresta, vários exemplares de machados, instrumentos de medição do calibre da cortiça e de marcação da árvore após o descortiçamento. Adicionalmente, a exposição inclui elementos que refletem a evolução da Corticeira Amorim após os anos 1990, que não estavam incluídos no museu anterior. Após apresentar as duas primeiras gerações da família Amorim, a narrativa avança, abrangendo os séculos XX e XXI, dando conta da transformação da empresa ao longo dos tempos, sempre apoiada em elementos materiais que concretizam a história. A figura de Américo Amorim, como grande impulsionador da empresa, recebe naturalmente grande destaque, iluminando vários momentos decisivos que fizeram da Corticeira Amorim o que é hoje. Da história da família, à história da cortiça, os núcleos seguintes testemunham a presença da cortiça na vida humana há milénios, da época romana à evolução do descortiçamento ao longo dos tempos. De seguida, mergulhamos no lado mais industrial da história da cortiça, com uma perspetiva sobre o fabrico de rolhas, desde o século XIX às tecnologias mais

avanzadas dos nossos dias, para perceber como são feitas as rolhas e chegar a um portefólio incrível, de diversidade, de qualidade e de performance. Complementando este foco no cilindro mágico – a pequena grande rolha de cortiça – a valiosíssima coleção de rolhas históricas, doada por François Audouze, meticulosamente organizada numa instalação tão simples quanto bela, ilustra a relação simbiótica entre a rolha e vinho e a paixão que desperta. E porque o universo da cortiça vai muito além da rolha, a secção seguinte apresenta uma seleção cuidada e surpreendente da diversidade de aplicações da cortiça, evidenciando o seu papel na arquitetura, no design, nas artes, bem como o cruzamento deste material 100% natural, reciclável e renovável com as mais avançadas tecnologias, para encontrar soluções pioneiras em áreas tão diferentes quanto o desporto, a indústria aeroespacial, o setor da mobilidade, entre outros. No final, regressamos ao ponto onde tudo começa, o Montado de Sobro, para olhar para o futuro. A floresta – e, no caso concreto, o exemplo precursor da Herdade de Rio Frio, ponto fulcral de implementação do ambicioso Projeto de Intervenção Florestal da Corticeira Amorim – e o caminho da sustentabilidade, sustentado em números que não deixam dúvidas, evidenciando o valor de um ecossistema e de uma matéria únicos, e o seu papel no mundo que desejamos.



© Rui Oliveira

François Audouze: Guardador de Memórias

Cada vinho traz uma mensagem, mas é preciso estar aberto e ser humilde para a escutar. François Audouze coleciona vinhos velhos há mais de 50 anos, das melhores casas produtoras. Para além das cerca de 40 000 garrafas com alguns dos mais incríveis néctares do mundo, guarda a memória desses vinhos contida nas rolhas. Recentemente, doou parte da sua coleção de rolhas à Corticeira Amorim, agora exposta na Heritage House.

É um apaixonado por vinhos velhos.

Como começou a colecioná-los?

Quando comecei a trabalhar não sabia nada sobre vinhos, mas muito novo comprei uma casa e havia uma adega na casa. Portanto, se há uma adega, pensa-se em enchê-la de vinho. Eu não sabia nada, por isso fui a uma loja de vinhos, uma loja muito importante, a adega Nicolas, e comprei vinhos. E como não sabia nada sobre vinhos, comprava depois de experimentar, provava e comprava. Se provasse e fosse mau, não comprava. Por isso, por experimentação, comecei a comprar vinho para encher a minha adega.

E quando fez o “click” e percebeu que a sua vida ia passar por ali?

Um dia alguém me disse para ir a outra loja, onde todas as sextas-feiras havia provas cegas. Então fui a essa prova e num dado momento quase caí da cadeira, porque o sabor era tão incrível, que fiquei completamente comovido. Era um Sauternes de 1923 e percebi que a verdade está nos vinhos velhos, que nada se pode aproximar da complexidade dos vinhos velhos. E, assim, comecei uma viagem no mundo dos vinhos velhos.



© José Campos

Acabou de dizer que a verdade está nos vinhos velhos. O que é que procura quando se aproxima de um vinho velho?

Procuro sabores. Pode vir de um vinho muito barato ou de um vinho muito caro, mas a questão não é se é caro ou barato, a questão é se tem um sabor que eu realmente aprecio. Por isso, quando estamos neste mundo, temos de ter uma mente aberta e temos de ser completamente humildes. Faço jantares com pessoas que nunca beberam nenhum vinho dos anos 20, por isso digo-lhes - para mim isto é muito importante - se sabem alguma coisa sobre vinho, esqueçam tudo o que sabem. Se acham que não sabem nada sobre vinho, esqueçam que não sabem nada. Por isso, digo: sejam humildes, nunca julguem um vinho, tentem compreendê-lo - e a palavra importante é "tentem", porque se tentarem, significa que são humildes, significa que compreenderão sempre um vinho se forem humildes.

Se tivermos ideias pré-concebidas, nunca compreenderemos um vinho. Por isso, em cada experiência, tenho a mente aberta e tento perceber qual é a mensagem desse vinho. E com os vinhos

velhos temos uma complexidade, um vasto leque de sabores, que tornam a experiência sempre muito interessante. E o que é importante, nunca estou nervoso sobre se o vinho estará bom. Digo a um amigo: vamos abrir um vinho de 1935. O amigo pergunta imediatamente: ainda está bom? Toda a gente pergunta isso! Mas não é esse o problema. Trata-se de entrar no mundo deste vinho, e se entrarem no mundo deste vinho, compreenderão.

E isso significa que, mesmo que não seja "bebível", não importa? O que importa é a experiência?

Sabe, quando está à frente de um vinho, imagine que o cheiro não é bom, pode dizer "blargh" e depois abandona o vinho. Não, não abandono. Vou tentar perceber a mensagem deste vinho, porque ele tem algo a dizer. Claro que se for horrível, dizemos que é horrível. Mas há tantas ocasiões em que as pessoas julgam antes de beber e não depois de provar o vinho! E eu digo que, na minha opinião, mais de metade dos vinhos que foram deitados fora são grandes vinhos. As pessoas julgaram o vinho demasiado depressa e não receberam a mensagem do vinho.

Mas devo dizer que o meu método de abrir um vinho ajuda a fazer milagres. Vinhos que as pessoas rejeitam são possivelmente vinhos muito bons. Eu confio nos vinhos velhos. Nunca tenho medo quando abro um vinho velho, porque acredito nele. Relativamente à relação com a cortiça, prefiro as rolhas de cortiça originais às garrafas arrolhadas. Porque uma rolha original manteve o ar, o ar inicial - quando se coloca uma rolha nova, também se coloca um ar novo e isso altera o sabor. Todas as minhas experiências com garrafas arrolhadas mostram que o sabor não é o mesmo que o das garrafas com a rolha original. Por isso, a rolha tem o papel de manter o vinho na sua melhor forma. O que é que eu faço: abro uma garrafa muito lentamente, para que o ar se expanda suavemente - se levantar muito rapidamente, o ar não ficará feliz. E nunca se deve servir um copo para verificar se está bom. Não verifique, deixe a oxigenação lenta fazer o seu trabalho por si só, se deixar a garrafa repousar, os contactos serão lentos, e será perfeito. E não decantar, porque a decantação é uma oxigenação rápida, é demasiado rápida!

Já provou tantos vinhos antigos incríveis, ou mesmo míticos. Há um ou dois que se destacam na sua memória?

Tenho ótimas recordações!

Geralmente, quando há algo impressionante, é quase um choque físico. Passo a explicar: um dia, na adega da Maison Bouchard, convidaram-me a beber um Montrachet de 1865, e quando o provei – havia várias pessoas – é como se nada existisse à minha volta. **Estava numa bolha, sozinho, o tempo tinha desaparecido, estava sozinho com a expressão deste vinho. E foi um choque físico ter uma impressão destas.** Foi incrível, eu não acreditava que um Montrachet de 1865 – um vinho branco – pudesse ser bom, mas fiquei absolutamente espantado com a perfeição deste vinho.

E o que é um vinho perfeito?

É um vinho que, quando o bebemos, não conseguimos imaginar que pudesse ser melhor e nada melhor poderia ter sido feito. E eu conheci na minha vida 30 ou 40 vinhos perfeitos; e é algo que se reconhece imediatamente. Imagine que vai a Roma,

à Capela Sistina, quando entra na Capela Sistina, fica boquiaberto com a beleza e diz: “Uau, é impossível fazer algo melhor do que isto”. É a mesma coisa com o vinho: quando é perfeito, vê-se imediatamente que é perfeito e eu tive a oportunidade de beber vinhos assim.

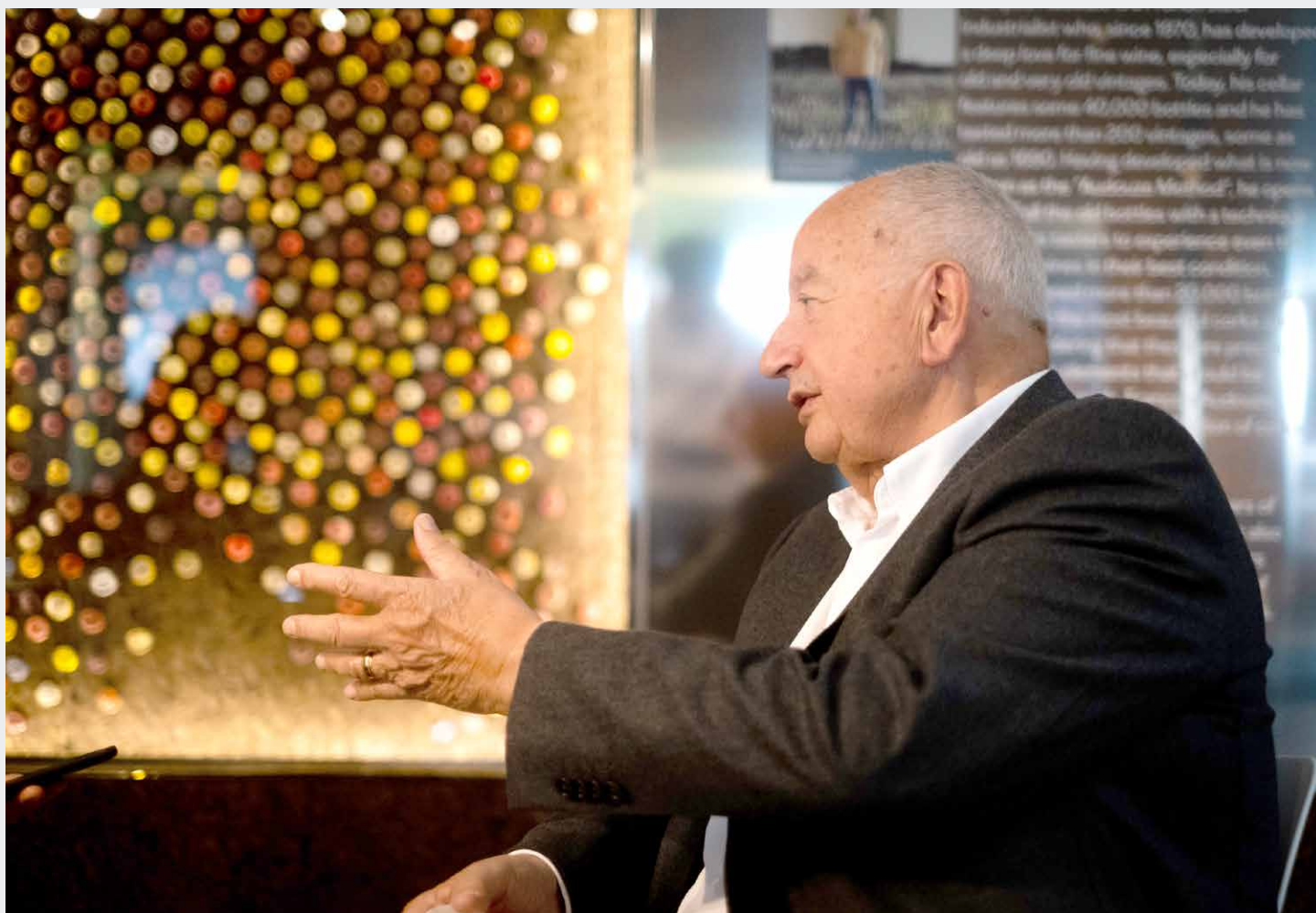
Não só colecionou e bebeu tantos vinhos, como também, cada vez que abre um vinho, guarda a rolha de cortiça. Qual é o significado deste pequeno cilindro? Será uma espécie de guardião de memórias?

Quando comecei a guardar as garrafas, vi a beleza da garrafa, da cápsula e da rolha. Por isso, guardei-as. Para mim, era o respeito pelo vinho. **Se eu respeito o vinho, respeito a garrafa, mas também respeito a rolha. Porque a rolha é muito importante. Penso que atualmente ninguém no mundo abriu tantas garrafas velhas como eu.** Eu abri todas as garrafas que bebi. Na coleção que doei, só tem as boas, eu guardo as más, (risos) Mas guardei-as, porque representam a memória. São muito importantes. Toda a minha vida é feita para respeitar o vinho, para respeitar tudo o que está à volta do vinho.

Doou parte da sua coleção de rolhas à Corticeira Amorim. O que o levou a fazê-lo? Está satisfeito com a forma como está integrada no museu?

Achei que era bom que fossem para a empresa que é a maior produtora de rolhas, porque faz sentido que as guardem. Porque faz sentido ter a memória das rolhas antigas. **Acredito que em tudo o que bebi, a qualidade do vinho depende da qualidade da rolha, por isso faz sentido que voltem à Amorim.** Estou feliz pelo facto minha coleção estar nas mãos da Amorim. Tive a felicidade de conhecer o António (Rios de Amorim), que é uma pessoa muito positiva e que gere esta empresa com um espírito muito positivo, e ter visto todas as pessoas interessadas na minha coleção deixa-me feliz, porque penso que vai ser preservada para sempre. Tenho vinhos que são feitos para serem guardados para sempre e saber que as rolhas vão, também, ser guardadas para sempre é o meu maior prazer.

© Rui Oliveira



Navicork: Navegar com a cortiça, rumo a um futuro marítimo sustentável



Aliando inovação, performance e design, a Navicork, a nova marca de soluções sustentáveis para decks marítimos da Amorim Cork Composites, parte da curiosidade inata e do impulso criativo para levar a cortiça e a indústria marítima a outros patamares. Desenvolvida para criar um impacto positivo capaz de agitar as águas da indústria marítima, contribuindo para a descarbonização da mobilidade marítima e fluvial, Navicork by Amorim propõe-se transformar o setor, desenvolvendo soluções de cortiça de alta performance para decks de diferentes tipos de embarcações. Desafiando convenções, a Navicork introduz no mercado as soluções mais sustentáveis e de elevada performance para decks, desenhadas para responder aos desafios ambientais mais urgentes, nomeada-

mente no que toca à proteção dos ecossistemas, regulação do clima e utilização eficiente de recursos. A partir de uma matéria-prima 100% natural, reutilizável e reciclável - a cortiça - a Navicork abre novos horizontes e possibilidades nunca imaginadas para o setor marítimo. Com uma versatilidade ímpar que permite a sua aplicação em diferentes tipologias e desenhos de embarcações, as soluções de decks sustentáveis desenvolvidas pela Navicork a partir de compósitos de cortiça tiram partido das características técnicas únicas do material (tais como a leveza, a durabilidade e o isolamento térmico e acústico) e evidenciam a sua mais-valia para uma indústria que precisa de se transformar para fazer face aos desafios ambientais do presente, sem renunciar à performance.

Da floresta para o mar

Porque são feitas a partir de cortiça – uma matéria natural que nasce no Montado – as soluções Navicork são inerentemente sustentáveis, mas também duas a cinco vezes mais leves que os decks convencionais, com uma textura natural única que garante a aderência, a estabilidade e a segurança a bordo, oferecendo um excelente isolamento térmico e acústico, que reduz o consumo de energia, e contribui para o conforto dos passageiros. Para além de ser maravilhoso caminhar sobre cortiça, a estrutura celular do material absorve o som dos passos, ao longo de toda a superfície. Para João Pedro Azevedo, CEO da Amorim Cork Composites, que desenvolveu o compósito inovador utilizado nas soluções Navicork, trata-se de um momento de viragem: “Face aos desafios que a indústria marítima enfrenta, é cada vez mais urgente reavaliar o modelo de negócio do setor e procurar novas soluções e materiais mais sustentáveis. A Navicork nasce precisamente com essa missão de desafiar os paradigmas enraizados nesta indústria e apresentar a cortiça como o futuro para decks marítimos. Para além de sustentável, a cortiça apresenta um conjunto de características técnicas ideais para responder às necessidades de performance e exigências deste mercado. A nossa capacidade de produção suportada em tecnologia de ponta, aliada ao espírito de inovação único no mundo no desenvolvimento de novas soluções com compósitos de cortiça, deixa-nos confiantes no impacto que a Navicork pode ter na indústria marítima.”

Wicanders Wise, um portefólio 100% livre de PVC

Ainda mais verde, ainda mais inovadora. É assim que a Amorim Cork Flooring se apresenta, com um portefólio 100% livre de PVC, para descobrir na nova marca Wicanders Wise.

A meta, ambiciosa, era 2025, mas o objetivo – tornar todos os produtos da Amorim Cork Flooring ainda mais verdes, isto é, 100% livres de PVC – antecipa-se um ano, e será uma realidade em janeiro de 2024.

Com esta revolução, a empresa passará a produzir soluções totalmente livres de polímeros sintéticos em todas as suas gamas, dando origem à nova marca Wicanders Wise, que representa, tal como o nome indica, uma fusão entre o conforto da Wicanders e a sustentabilidade da Amorim Wise numa única gama.

Este importante passo na história da Amorim Cork Flooring constitui um sinal claro de que as questões da sustentabilidade e da descarbonização, num contexto de crise climática, são absolutamente prioritárias para a empresa: “As emissões de carbono na indústria da construção representam cerca de 40% das emissões globais” recorda Fernando Melo, CEO da Amorim Cork Flooring “Face a esta brutal realidade, delineámos, há três anos, o objetivo claro de eliminar a utilização de PVC em todos os nossos produtos até 2025. Graças a um esforço e um compromisso de toda a empresa, é possível atingir este objetivo em janeiro de 2024” conclui o responsável.

Na vanguarda da impressão digital

Aliando inovação e sustentabilidade, o lançamento da Wicanders Wise é sem dúvida um marco histórico para a Amorim Cork Flooring que desenvolve soluções de pavimentos à base de cortiça desde os anos 1970. Nessa altura a empresa nasceu, precisamente, do conceito de Economia Circular, no sentido de aproveitar todos subprodutos originados no processo de transformação da cortiça. Agora, para implementar esta nova estratégia, a empresa substituiu, progressivamente, as gamas que ainda utilizavam PVC, por novos produtos com base na tecnologia de impressão digital. Foram investidos cerca

de 10 milhões de euros na aquisição de uma nova linha de impressão digital que, além do realismo da imagem impressa (diretamente sobre cortiça), consegue replicar a textura dos visuais, sejam estes de madeira ou de pedra, sem recorrer a PVC.

Fernando Melo resume a motivação da aposta: “sentimos o dever de proporcionar aos nossos clientes mais do que uma oferta livre de PVC, um produto natural, à base de cortiça, que não tem componentes de origem fóssil e que apresenta a resistência equivalente a produtos sintéticos.”

Através de uma rede de retalhistas e distribuidores em mais de 60 países, a Amorim Cork Flooring reafirma assim a sua posição de referência na inovação e sustentabilidade no universo dos pavimentos.



Conhecimento, responsabilidade e sustentabilidade: expandir, partilhar e contagiar

Cristina Rios de Amorim

A cortiça, pelas mãos da Corticeira Amorim, ganhou progressivamente espaço e protagonismo nas iniciativas que marcam a agenda do design, da arquitetura e da sustentabilidade ao nível mundial



@ Iwan Baan

Conhecedora – como nenhuma outra entidade – do potencial da cortiça na transição para economias mais sustentáveis, resilientes e inclusivas, consumos mais responsáveis e seguros, a Corticeira Amorim vem desenvolvendo um amplo plano de ações que colocam à disposição da sociedade o material, nas suas mais diversas formas, o *knowhow* e a *expertise* técnica da equipa, incentivando ao seu conhecimento, à sua descoberta e à sua utilização. Desde 2010, início do desenvolvimento da coleção *Materia*, cork by Amorim, curated by Experimentadesign – uma ação criativa ímpar no setor, que apresentou, nos principais palcos internacionais de design, a cortiça como nunca tinha sido vista: uma coleção de objetos sustentáveis, aplicando à cortiça novas técnicas e tendências, assinada por criativos nacionais, internacionais, de referências incontornáveis a valores emergentes do mundo do design – registamos o crescente envolvimento de uma notável comunidade de talentos



criativos, assim conquistando novos territórios para a cortiça. Sob este mote, chegamos a centenas de projetos de design, de arquitetura, de criatividade, frequentemente interligando a cortiça e a Amorim a iniciativas que concretizam importantes ações educativas, sociais, ambientais, culturais ou artísticas. A cortiça, pelas mãos da Corticeira Amorim, ganhou progressivamente espaço e protagonismo nas iniciativas que marcam a agenda do design, da arquitetura e da sustentabilidade ao nível mundial, como é o caso dos Serpentine Summer Pavilions, do V&A, da Tate Modern, do London Design Festival, da Milan Design Week, da Bienal de Veneza ou da ARCO Madrid. Este plano de ações estratégicas dá também especial atenção à ampliação do conhecimento da cortiça junto desta comunidade - de hoje e do futuro -, realizando e participando em diversas ações, em parceria com instituições como o Domaine de Boisbucchet, o Royal College of Art, o Karlsruhe Institute (Alemanha), a Nuova Accademia di Belle Arti di Milano, a Rhode Island School of Design, a Parsons School of Design o Pratt Institute, que promovem iniciativas, workshops e mesmo programas plurianuais sobre design, arquitetura e tecnologia aplicados à cortiça. Em suma, centenas e centenas de estudantes espalhados pelo mundo que, na sua formação, contactam com a cortiça, recebendo conhecimento e uma verdadeira motivação para a cortiça e para a sustentabilidade. Nesta edição, convidamos a conhecer detalhadamente três colaborações: Spirit of Place (Londres), Generation Proxima (Nova Iorque) e Not Post-Modernism. Dan Graham e a Arquitetura do Século XX (Porto).

Spirit of Place, a instalação em cortiça concebida pela designer Simone Brewster para o London Design Festival 2023, inspirada nos sobreiros e nos montados portugueses, colocou no centro de Londres uma representação deste nosso património natural, sublinhando as suas características e as suas mais-valias. **Generation Proxima: Emerging Environmental Practices in Portuguese Architecture**, a exposição no Center for Architecture em Nova Iorque, que destaca a abordagem e as estratégias de sete ateliers portugueses cuja prática é orientada para o ambiente, no contexto de emergência

climática. Nesta exposição, a cortiça desempenha um papel vital, desde a construção de maquetes a elementos de design que revestem partes das paredes da galeria, destacando-se como um material de grande carisma visual e de excelência em termos de performance e sustentabilidade. **Not Post-Modernism. Dan Graham e a Arquitetura do Século XX**, a exposição em Serralves, concebida pelo próprio artista, destaca oito arquitetos cujo trabalho influenciou profundamente Graham, traduzidos num espaço curatorial pelo Atelier Bow-Wow, promovendo um diálogo criativo e a dinâmica interação de ideias e formas. No centro desta exposição encontra-se o poder transformador da cortiça, um material que transcende a mera função para se tornar um elemento integral do design e da sustentabilidade. Completamos esta nossa ação através de um forte plano editorial, que inclui a edição trimestral ininterrupta da Amorim News desde 1983; várias publicações sobre a cortiça destinadas a públicos-alvo diferentes, incluindo crianças e jovens na vertente da educação ambiental; conteúdos que se renovam constantemente no portal www.amorim.com; e edição própria de várias publicações, como os livros *Metamorphosis*, *Amorim: The Future is Our Present*, *The Cork Book* e *1870 AMORIM 2020*.



@Domaine de Boisbucchet

“Spirit of Place”: Simone Brewster Revela o Esplendor da Cortiça no London Design Festival

Unindo arte e sustentabilidade, a cortiça voltou a marcar presença no London Design Festival com «Spirit of Place», instalação de grande escala criada pela artista Simone Brewster, um projeto com materiais e execução da Amorim Cork Composites.

Não foi a primeira vez que a cortiça se destacou no London Design Festival, o evento de referência do mundo do design, mas pela mão da conceituada artista Simone Brewster, em estreita colaboração com a Amorim Cork Composites, o material brilhou em todo o seu esplendor. Ocupando uma praça no centro da cidade, “Spirit of Place” levou as potencialidades da cortiça mais longe, jogando com formas, texturas e dimensões para interpelar a comunidade e interagir com o espaço criativamente. A instalação consistiu em cinco colunas de cortiça, diferentes entre si, desenvolvidas em colaboração com a Amorim Cork Composites. A proposta de Simone Brewster inspirou-se diretamente nas florestas de sobreiros, remetendo para a verticalidade das árvores e a sua integração num contexto mais vasto, mas também para a especificidade de cada árvore, enquanto ser vivo único e irrepetível. Para isso, a Amorim Cork Composites desenvolveu diferentes compósitos de cortiça e cores, que, integrados em cada coluna, deram forma à visão da designer, enquanto evidenciam a diversidade e a versatilidade da cortiça.

Por incrível que pareça para uma artista britânica com raízes caribenhas, a sua ligação à cortiça vem de longe. “A cozinha dos meus pais tinha um pavimento de cortiça. Por isso era parte da nossa cozinha,” recorda. “É estranho, porque estive lá sempre, desde que eu era pequenina. E não questionávamos, estava sempre lá. E, um dia, eu olhei e perguntei: o que é isto? Porque é que tem esta espécie de padrão? E o meu pai respondeu: ‘é assim, é cortiça.’” A conceituada designer e artista britânica é conhecida pelo seu mobiliário escultórico em grande escala, mas também pela criação de objets d’art e joalharia, criando “arquiteturas íntimas”. Inicialmente, o seu plano era desenhar 20 bancos diferentes para uma exposição no Victoria & Albert Museum. A sua visita ao Montado mudou tudo. Quando o projeto arrancou, Simone Brewster estava no final da gravidez, por isso a viagem a Portugal ia ficando adiada. “Eu tinha uma ideia para este projeto. A equipa da Amorim estava sempre a dizer-me para vir conhecer a cortiça. Mas eu estava grávida, de 7 ou 8 meses. Portanto deixámos cair. Mas finalmente

acabámos por vir, quando o meu filho tinha 3 meses. O meu marido é um “cirurgião de árvores”, e quando visitou o Montado disse: este é o meu trabalho de sonho! Ele fazia mais perguntas do que eu,” recorda, “mas essencialmente, esta visita fez-me compreender que precisava de repensar tudo, refazer o meu projeto, mudar o foco e fazer um projeto sobre esta experiência, sobre o que aprendemos aqui. **Não é todos os dias que temos a oportunidade de trabalhar com um material que é carbono negativo. Não é todos os dias que tens a oportunidade de trabalhar com uma empresa que não derruba as árvores, mas que as planta, ativamente.** Cada um destes aspetos poderia ser um tema, dar origem a um projeto em si. E isto sem sequer entrar nesta floresta linda e sem referir o quão fantástico foi estar lá. Por isso pensei: posso fazer os bancos noutra altura. Podemos fazer um projeto sobre esta experiência e este lugar tão especial.”



© Ed Reeve

Uma “floresta” de cortiça no meio de Londres

No projeto para o London Design Festival, Simone Brewster aproxima-se da cortiça com um olhar completamente novo e, como é habitual no seu trabalho, de uma maneira muito material: jogando com a escala, as texturas, as formas e cores, para ocupar um espaço público, no centro da cidade. Chamou-lhe “Spirit of Place”, tentando captar e transmitir o espírito do lugar – do Montado -, e provocando uma interação inesperada entre aquele espaço, a obra de arte, e as pessoas. “Durante a instalação das peças, as pessoas viam a sua estrutura interna. As peças de cortiça tiveram de ser empilhadas, no topo, pelo que a equipa de montagem pegava nestes enormes blocos que, vistos de fora, pareciam de betão, porque a textura estava lá, e as pessoas que passavam não percebiam o que é que se estava a passar. Perguntavam, espantadas ‘como é que

conseguem fazer isso?’ Portanto, para mim o projeto tem diferentes níveis. Eu queria que as pessoas colocassem questões e tocassem e, basicamente, interagissem com o material. E, a partir do momento em que as pessoas começaram a interagir com o material e a fazer perguntas, o projeto estava ganho. ‘Spirit of Place’ vem da ideia muito antiga de que cada lugar tinha um certo espírito que lhe conferia personalidade e se refletia nos nossos sentimentos. O que eu queria traduzir – porque quando estive na floresta foi muito bonito, havia um espectro de cores que usei como o meu ponto de referência para os totens, mas mais vibrantes - era criar algo que provocasse esse sentimento de encantamento. E foi isso que tentei trazer para Londres.”

Todas as camadas

A instalação pode ser vista como um conjunto de totens, com uma narrativa quase sagrada, como vasos cerimoniais. Mas pode ser tudo o que quisermos. Evidente é a sua relação com a arquitetura:

“O London Design Festival estava à procura de uma localização para o projeto e havia várias hipóteses. No início, eu quis desenhar a peça mais como um pavilhão, mais marcadamente arquitetural. Mas eu não podia desenhar um pavilhão sem saber o lugar exato onde ia ser instalado. Por isso pensei ‘que linguagens da arquitetura posso usar?’ explica a artista. “Comecei a investigar a linguagem das colunas, e o que é interessante é que inerentemente temos essa linguagem, sabemos o que é uma coluna, ela não precisa de estar ligada a um edifício para sabermos que é uma coluna. E também as colunas, inicialmente, eram desenhadas e feitas com árvores. Na verdade, nas colunas muito antigas, havia uma árvore no centro, sobre a qual empilhavam a pedra, no topo, da mesma maneira que neste projeto temos uma estrutura de metal no centro e a cortiça no exterior. E, para mim, há sempre a questão do feminino, e a arquitetura é muito masculina. Queria que fosse mais tradicionalmente arquitetónico como uma coluna, mas que se tornasse mais voluminoso, mais feminino.

Redescobrir a cortiça

Para uma artista que frequentemente faz as suas peças com as suas próprias mãos, trabalhar com um material tão sensorial quanto a cortiça foi uma descoberta.

“Quando estudava no Royal College of Art, eu quis fazer um projeto com cortiça. Tratava-se de uns bancos, que queria que tivessem volume, mas que também fossem leves. Quando visitei a Corticeira Amorim e toquei a cortiça, a perspetiva mudou. Uma das questões da cortiça no mundo do design é que pensamos numa estética muito específica da cortiça, quando na verdade existem diferentes acabamentos.

Percebemos que podemos ter um acabamento polido, ou que podemos combiná-la com outros materiais, ou ter um aspeto escuro, e a superfície pode ser muito uniforme. Portanto, compreendemos que temos uma perceção do material, mas na verdade a sua “largura de banda” é muito mais ampla.” conclui. Em colaboração com a Amorim Cork Composites, chegou ao tipo de cortiça com a “sensibilidade” certa para projeto. Simone Brewster pensou nos diferentes acabamentos e até em trabalhar com as cores naturais da cortiça, como faz em outros projetos. Mas depois percebeu que o contexto – a ruidosa cidade de Londres – pedia outra resposta. Inspirando-se nos tons da floresta - os laranjas, os ocre e tons férreos, os verdes suaves - usou-os como referência. Algumas cores são exatamente as mesmas que encontrou no Montado. A artista trabalhou minuciosamente nas cores e nas suas combinações para conseguir o equilíbrio e a harmonia que procurava. No último dia de montagem, fez os afinamentos finais, pegando num pincel, no local, e pintando para que ficasse como queria.

Arte e sustentabilidade

Depois da experiência com a Amorim, a perspetiva de Brewster sobre a cortiça nunca mais será a mesma. E já pensa em novos projetos, e em agregar outros artistas e designers em torno deste material único. “Penso que é importante perceber as possibilidades deste material, que nem todos os designers conhecem. Especialmente no campo da arquitetura.



© Ed Reeve

Eu sei sempre menos sobre o material do que a equipa da Amorim, mas eles foram capazes de o trazer à luz, de traduzir a minha ideia, a partir dos meus desenhos, ajustando os blocos, as máquinas, todos os detalhes técnicos”, refere.

No mundo em que vivemos, a relação entre arte e sustentabilidade é um tema incontornável. E, também nesta área, a experiência de “Spirit of Place” foi transformadora.

“O artista pode ter vários papéis.” resume Simone Brewster. “Podíamos dizer que é sobre fazer alguma coisa bela, mas a arte não é necessariamente sobre isso. Pode ser sobre fazer-nos pensar, ou ter uma ideia na cabeça que antes não tínhamos. A alegria da arte é o potencial que tem para abrir a mente. Se a arte, sob qualquer

forma, nos puser a pensar na emergência climática – somos literalmente as lagostas a ferver na panela, neste momento... O papel da arte é quebrar a complacência que rodeia tudo isto. O papel da arte é tornar-nos conscientes, lembrar-nos e provocar-nos”.

“GENERATION PROXIMA”: Cortiça no Centro da Arquitetura Emergente Portuguesa em Nova Iorque

“GENERATION PROXIMA” é o título da exposição que o Center for Architecture, em Nova Iorque, dedica à arquitetura emergente portuguesa com foco nas práticas ambientais. Percorrendo toda a exposição, a cortiça afirma-se como material de referência na “viragem ambiental” na arquitetura, posicionando-se na vanguarda da construção sustentável e da inovação.

A proposta era olhar para o panorama da arquitetura portuguesa contemporânea e mostrar uma visão geral das suas práticas emergentes, focadas no ambiente. É esse retrato, presente e urgente, que surge em “Generation Proxima: Emerging Environmental Practices in Portuguese Architecture” (Geração Proxima: Práticas Ambientais Emergentes na Arquitetura Portuguesa) uma exposição promovida pela secção nova-iorquina do American Institute of Architects (AIA) e patente no Center for Architecture de Nova Iorque até março de 2024. Trata-se da primeira grande mostra de arquitetura na cidade desde 2019, o que ilustra bem o reconhecimento internacional e o respeito pela arquitetura portuguesa. Foram escolhidos sete ateliers portugueses - Artéria, Coletivo

Warehouse, Gorvell, Nuno Pimenta, Oficina de Arquitetura Pedrez, OODA e Ponto Atelier – que, com abordagens e estratégias diferentes, em comum têm uma prática orientada para o ambiente, num contexto de emergência climática.

A relevância da cortiça

No centro da exposição, a cortiça, cedida pela Corticeira Amorim, tem um papel de destaque. Uma espécie de rodapé móvel e modular percorre toda a exposição, num contínuo; a cortiça é também utilizada em plintos, modelos, e maquetes, no fundo em todo o espaço expositivo, que integra

também *underlayse* aglomerado da Amorim Cork Composites e aglomerado de cortiça expandida da Amorim Cork Insulation. Enfatizando a performance, a versatilidade e a sustentabilidade inerentes à cortiça – um material natural e renovável na vanguarda da descarbonização – esta escolha afirma a força e a relevância deste material, bem como o seu lugar na construção sustentável e na transformação da arquitetura. Com curadoria de Pedro Gadanho - arquiteto português, autor, curador, ex-curador do MoMA e *Loeb Fellow* da Universidade de Harvard - a exposição tem como ponto de partida o seu livro “Climax Change! How Architecture Must Transform in the Age of Ecological Emergency”, que aborda o impacto da emergência climática nas práticas arquitetónicas

contemporâneas. Publicado recentemente, o livro surgiu na sequência de uma passagem do arquiteto e curador pela Universidade de Harvard, onde, como explica, tentou ter “tantas aulas quanto possível em diversas áreas, com cientistas, com economistas ambientais, com especialistas de energia”, acedendo a um conhecimento atualizado sobre o estado da questão das alterações climáticas, o que lhe permitiu fazer uma reflexão sobre a forma como esse conhecimento se aplicava ao campo da arquitetura.

Contexto e diversidade

Que implicações, que impacto e que responsabilidades traz o cenário atual ao campo de arquitetura e, sobretudo, como é que os arquitetos estão a responder? “Este é o chamado wicked problem – aquilo que os cientistas chamam de problema complexo, que não tem uma solução fácil nem evidente” resume Pedro Gadanho. “Mas todas as áreas têm de responder e a arquitetura como parte de um sistema que é - o sistema da construção, que contribui com 38% das emissões de carbono, obviamente tem uma responsabilidade grande, inclusive no modo como os arquitetos integram possíveis soluções de mitigação”. Quando surgiu a oportunidade de fazer a exposição em Nova Iorque, o curador soube imediatamente de que trataria: “Para mim não podia deixar de ser este o tema.” E acrescenta: “a exposição corresponde a um empenho bastante ativista da minha parte sobre a forma como encaro a prática da arquitetura.” Depois de percorrer o mundo para perceber como se está a construir essa transformação (e o arquiteto frisa que “a mudança começa na pequena escala”) Pedro Gadanho focou-se na arquitetura portuguesa, procurando ateliers que, independentemente da sua escala ou “lógica arquitetónica”, tinham alguma experiência nessa área. “Mais do que uma linguagem comum, o que procurava era a diversidade”, explica. Isto é, mostrar a “panóplia de possibilidades que possa servir de inspiração para outros”. Por isso, no naipe de ateliers que integram a exposição, há os mais ativistas, os mais corporativos, há coletivos, perspectivas mais autorais, etc. O que interessava a Pedro Gadanho era perceber como é que as práticas arquitetónicas respondem ao contexto, que preocupações surgem, que possibilidades também.

Viragem ambiental

Assim, “Generation Proxima” traz à luz práticas emergentes em Portugal que oferecem formas contextuais, artesanais e de inovação em design como resposta à emergência climática, e cujo trabalho se debruça, em particular, sobre questões como a natureza e a biodiversidade, mas também sobre as ideias de comunidade, participação social e escassez, muito evidente na arquitetura tradicional portuguesa, em toda a sua linha minimalista, no seu cunho artesanal e na utilização de materiais de construção tradicionais. Pedro Gadanho compara a mudança necessária das práticas arquitetónicas no contexto atual, ao surgimento do movimento modernista no início do

século XX. “Aquilo que se defende agora é que a mudança vai ter de acontecer outra vez, mas em direção a práticas que sejam ecologicamente mais equilibradas. Temos problemas de recursos, de biodiversidade, de poluição. Portanto, todas essas áreas têm de se modificar.” A cortiça, claramente, terá um papel fulcral a desempenhar nessa transformação, verdadeira viragem ambiental, no caminho certo da descarbonização. “A cortiça é um material português, 100% natural, reciclável e renovável. Interessa-nos trazer a própria sensorialidade e possibilidades da cortiça para a montagem da exposição. E foi um sucesso. Até o cheiro, a materialidade ligada à terra,” marcam a exposição, conclui o curador.



© Sam Lahoz

Cortiça em destaque na exposição “Not Post-Modernism. Dan Graham e a arquitetura do século XX” em Serralves

A concretização da última exposição em que Dan Graham trabalhou antes do seu desaparecimento recente é um tributo a um artista, pensador e escritor multifacetado, mas também um “ensaio sobre arquitetura” e um convite ao questionamento. Integrada de forma sublime no design expositivo, a cortiça evidencia o potencial dos materiais sustentáveis na arte na arquitetura contemporâneas, abrindo caminho para o futuro.

“Esta não é uma exposição sobre a escultura ou a obra de Dan Graham. É uma exposição sobre a sua metodologia intelectual, sobre alguns dos seus ‘heróis da arquitetura”, explica Bartomeu Marí. “Not Post-Modernism. Dan Graham e a Arquitetura do Século XX” é organizada pela Fundação de Serralves, com a curadoria de Dan Graham e Bartomeu Marí e estará patente até 21 de março em Serralves. A exposição destaca oito arquitetos que influenciaram profundamente o trabalho e o pensamento de Dan Graham, apresentando Jan Duiker, Lina Bo Bardi, Atelier

Bow-Wow, Sverre Fehn, Itsuko Hasegawa, Kazuo Shinohara, Anne Tyng e Vilanova Artigas. Estes projetos são transpostos para espaço expositivo pelo Atelier Bow-Wow, promovendo um diálogo criativo e uma dinâmica interação de ideias e formas. E, neste diálogo de ideias e formas, a cortiça tem um papel central. No coração da exposição, que tem o apoio da Corticeira Amorim, a cortiça evidencia o seu poder transformador, a sua performance e sustentabilidade, e o seu contributo para a construção sustentável e a arquitetura contemporânea.

Sobre o processo de curadoria, Bartomeu Marí, que trabalhou de forma muito próxima com Graham deste 1987, acrescenta: “Dan identificou os arquitetos participantes e a maioria dos projetos. Eu completei a seleção, identifiquei as fontes de material (museus, arquivos,...) e fiz a seleção final dos documentos. O Atelier Bow-Wow (Momoyo Kaijima e Yoshiharu Tsukamoto) é o autor do design da exposição, um elemento muito decisivo da mostra.”



© Andre Delhay

Do pensamento à matéria

“Dan Graham é o artista que melhor sintetizou as relações conceptuais, físicas e culturais entre as práticas da arte de vanguarda da segunda metade do século XX e a arquitetura. Foi um dos artistas mais influentes deste período e penso que a arquitetura e os edifícios foram sempre uma referência para ele, mas não de uma maneira formal ou material,” sintetiza Bartomeu Martí. “Graham acreditava profundamente numa sociedade que evitasse a segregação, que promovesse a igualdade de direitos para todos e que proporcionasse livre acesso à cultura pública. A arte, para Graham, fazia parte dessa cultura pública e, por isso, a cidade, um equilíbrio entre os interesses privados e o bem público, era um modelo. A arte era como a cidade, o mundo em que ele gostava de viver... Ele queria mostrar o trabalho de arquitetos que respeitava muito e

que, de uma forma ou de outra, tinham influenciado o seu próprio trabalho e pensamento e, repito, não apenas de uma maneira formal ou material.” Para concretizar esse desejo, e traduzir no espaço expositivo a visão de Graham, os curadores convidaram o Atelier Bow-How, que tem uma “larga experiência na pedagogia da arquitetura” como explica Bartolomeu Martí. Foi esse conhecimento os arquitetos transpuseram para a exposição, propondo, por exemplo, colocar os projetos aos pares, como “ferramenta para navegar um vasto oceano de ideias sobre a arquitetura”. A presença da cortiça em Serralves reflete sobre temas mais abrangentes, e urgentes, que se estendem para lá das paredes do museu. Bartomeu Martí faz uma reflexão sobre o uso do material, e o seu significado, na exposição e fora dela: “A arquitetura é, sem dúvida, uma das atividades humanas mais poluentes. A arquitetura contemporânea precisa de fazer um ‘reset’ no qual a utilização de materiais naturais será central para o futuro do planeta e para os seres

humanos enquanto espécie. A cortiça é um material a ser descoberto por muitas razões. A intenção é que os materiais utilizados na exposição possam ser devolvidos à sua utilização, num claro exemplo de economia circular. A cortiça também oferece uma textura intermédia entre a palha e o tijolo, os outros dois principais materiais utilizados na exposição.”

ASICS Run de Tóquio com pavimento Amorim Wise

A reconhecida marca de desporto japonesa, ASICS Run, tem na sua loja de Tóquio pavimento de cortiça Amorim Wise.

O nome ASICS deriva da famosa frase latina “Anima Sana in Corpore Sano”, que significa “Uma mente sã em um corpo são”. Sob a premissa de que cada passo é realçado pelo conforto e sustentabilidade desta nobre matéria-prima, os pavimentos da marca Amorim Wise oferecem uma experiência superior, seja caminhando ou correndo. Estes pavimentos não só melhoram a qualidade do ar interior, mas também, graças às suas propriedades térmicas e acústicas naturais, incrementam o conforto da loja, alinhando-se perfeitamente com o propósito da ASICS. Este alinhamento de valores entre a Amorim

Wise e a ASICS enfatiza o bem-estar e a sustentabilidade. O visual escolhido, fornecido pela AD World, foi o Originals Shell da linha Amorim Wise Cork Inspire. Esta solução apresenta a fusão ideal entre um estilo de vida saudável, sustentável e o conforto único da cortiça, caracterizando-se por um pavimento com balanço de carbono negativo. Além disso, ao integrar a sustentabilidade do pavimento nas suas instalações, a ASICS, com seu legado de mais de 40 anos no cenário desportivo internacional, fortalece ainda mais o seu propósito, evidenciando um compromisso contínuo com a inovação e a preservação ambiental.

© Andre Delhay



Cortiça triunfa nos Golden Vines® Awards

Pelo segundo ano consecutivo, a Corticeira Amorim orgulha-se de ser parceira dos Golden Vines® Awards, um evento emblemático que celebra não só o mundo do vinho, mas também a arte das rolhas e a rica cultura vinícola.

Comprometido com a excelência, o grupo Corticeira Amorim combina esta qualidade com a inovação e criatividade do artista francês Jonathan Bréchnanc, bem como com a mestria dos ourives britânicos Grand Macdonald, resultando na espetacular criação do troféu do evento. Sob curadoria e visão de Shantell Martin, diretora criativa dos prémios internacionais e mentora do design de 2021, o troféu de cortiça ganhou um dinamismo e visibilidade inigualáveis. Desde o elegante invólucro da Gucci até ao meticuloso trabalho da ourivesaria britânica, a cortiça é elevada a um patamar de nobreza indiscutível, graças ao talento de Bréchnanc, numa fusão perfeita de frescos que evocam signos primordiais e arte pré-histórica. Na peça, a gravura representa um fresco cuja história é sobre compartilhar com formas simples e simbolismo, o prisma do vinho ao longo da história, pincelado pelas cores alusivas à bandeira francesa, casa-mãe do evento e pátria do artista. Promovidos pela Liquid Icons, a empresa de investigação e produção de conteúdos para o setor dos vinhos fundada por Gerard Basset e Lewis Chester, The Golden Vines® Awards são uma cerimónia sem fins lucrativos, que, na edição de 2023, decorreu na Ópera Garnier de Paris, no passado mês de outubro. O evento proporciona o encontro mais importante do ano para os líderes mundiais, colecionadores e experts da indústria do vinho e contou com a presença de cerca de mil

profissionais de vinhos de mais de 130 países, os quais elegeram os vencedores dos Golden Vines® Awards. De salientar que também a temática da sustentabilidade é uma prioridade do setor, tendo sido criado em 2022 o prémio com o mesmo nome, patrocinado pela Gucci.



©Marc Piasecki – Getty Images

Joaquim Amorim

1937-2023

“E se conhecermos o mundo e soubermos
adaptar-nos ao mundo, teremos sucesso.
Eu tive essa felicidade de me adaptar ao mundo.”



AMORIM

Sustainable by nature